

.....
**A CONCEPÇÃO DE ANGÚSTIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA VIDA HUMANA
SEGUNDO SÖREN AABYE KIERKEGAARD**

**THE CONCEPTION OF ANGUISH AND ITS CONSEQUENCES IN HUMAN LIFE
ACCORDING TO SÖREN AABYE KIERKEGAARD**

*Fr. Bruno Fabiano Lira¹
Edimar Inocência Brígido²*

RESUMO: A filosofia contemporânea é caracterizada pela busca de respostas para preocupações relacionadas a questões sociais do homem. Tal fase é marcada por várias correntes, dentre as quais destaca-se o existencialismo, que é qualificado por analisar o ser humano em sua totalidade. Sören Aabye Kierkegaard, filósofo existencialista dinamarquês, afirmou que a angústia abriu as portas para a liberdade do homem. No jardim do Éden, diante da proibição divina, Adão encontrou a possibilidade, o ser-capaz-de. Através da angústia o homem compreendeu o seu sentido no mundo, pois tomou-se em mãos como um ser único, singular e livre. A metodologia deste trabalho é de caráter qualitativo bibliográfico e se fundamenta na principal obra de Kierkegaard, *O conceito de angústia*, editada em 1844, e de seus comentadores, como Le Blanc, Farago, Stewart. Divide-se em três partes, iniciando por uma explanação a respeito do existencialismo enfatizando a figura de Kierkegaard como pai desta corrente, que resulta, na segunda parte, a investigação sobre a origem da angústia, e se conclui nas consequências da angústia provocadas no homem como um fator de liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Adão. Angústia. Existencialismo. Indivíduo. Liberdade.

ABSTRACT: Contemporary philosophy is characterized by the search for answers to concerns related to human social issues. This phase is marked by several currents, among which existentialism stands out, which is qualified for analyzing the human being in its entirety. Sören Aabye Kierkegaard, a Danish existentialist philosopher, said that anguish opened the door to man's freedom. In the garden of Eden, before the divine prohibition, Adam found the possibility, the being-able-of. Through anguish man understood his meaning in the world, for he took himself into his hands as a unique, singularly and free being. The methodology of this work is of a qualitative bibliographic character and is based on Kierkegaard's main work, *The Concept of Anguish*, edited in 1844, and its commentators, such as Le Blanc, Farago, Stewart. It is divided into three parts, starting with an explanation about existentialism emphasizing the figure of Kierkegaard as the father of this current, which results, in the second part, the investigation into the origin of anguish, and concludes in the consequences of the anguish caused in man as a factor of freedom.

KEYWORDS: Adam. Anguish. Existentialism. Individual. Freedom.

1 Religioso da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Bacharelado de Filosofia na Faculdade Vicentina de Curitiba-PR. Contato: brunofabianolira@gmail.com

2 Doutor e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Especialista em Ética pela mesma instituição. Especialista em Direito Constitucional pela Academia Brasileira de Direito Constitucional. Especialista em Ciências da Religião pela Facel. Graduado em Filosofia pela PUCPR. É professor e coordenador do Curso de Filosofia da Faculdade Vicentina; Professor e coordenador do curso de Pós-graduação em Ética e Direitos Humanos da Faculdade Vicentina; Professor de Filosofia do Direito no Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA) e na Faculdade Pan-Americana (FAPAD). É membro do Comitê de Ética e Pesquisa do Unicuritiba. Tem trabalhado com as disciplinas de Filosofia do Direito, Filosofia da Linguagem, Filosofia da Ciência e Ética. É autor dos livros: Wittgenstein: a ética e a constituição do gênio (2018); Jean Calas: no Tribunal da Intolerância (2018); Padre Cícero: Para Fazer Valer a Justiça e a Verdade (2019); A revolução do pensamento feminino (2021). As pesquisas em desenvolvimento têm sido nucleadas em torno do pensamento do filósofo Ludwig Wittgenstein, além de temas como: ética, política, democracia, direito, direitos humanos e linguagem. É líder do Grupo de Pesquisa: Pós-positivismo em perspectiva, no Centro Universitário Curitiba.

INTRODUÇÃO

Vive-se no mundo uma cultura intensa do ser feliz a todo custo, como se as pessoas não tivessem mais estrutura psíquica para suportar a frustração. Diante de tudo isso, justifica-se que, a angústia é um tema da atualidade, pois é constitutiva da existência humana. É algo que não é possível evitar ou elidir, sendo que é caminho para colocar o ser humano face a face consigo. Neste aspecto, a angústia coloca o homem frente a possibilidade da possibilidade³. Uma oportunidade de poder acolher aquilo que se é. Itinerário este que é dado através da angústia, sendo uma chance de libertar-se da tirania da necessidade e alcançar a liberdade, tornando-se si mesmo e descobrindo-se como indivíduo completo de origem divina.

Sören Aabye Kierkegaard (1813-1855) é considerado o pai do existencialismo, indo na contramão de sua época⁴, pensou o ser humano como dotado de liberdade de escolha e sujeito à angústia. Se opôs fortemente contra o idealismo hegeliano⁵, principalmente na maneira em que compreende a liberdade humana. O indivíduo não é apenas um resultado de um processo histórico de forças maiores, ele tem responsabilidade de sua própria vida e o potencial de influenciar a realidade.

De acordo com o pensamento de Kierkegaard, “as relações do homem com o mundo são dominadas pela angústia, que leva o homem a perceber que a possibilidade corrói e destrói as expectativas ou capacidades humanas além de destroçar cálculos e habilidades com a ação do acaso e das possibilidades insuspeitas” (ABBAGNANO, 2012, p. 469). A angústia está no querer e não poder, sendo um grande paradoxo. A angústia está também em ver o tempo passando e não realizando o que gostaria ou como inúmeras possibilidades a serem escolhidas. Essa angústia como possibilidade de liberdade será o foco da pesquisa, visando descrever como esta angústia se manifesta em um determinado sujeito tornando-o indivíduo, uma singularidade no mundo.

3 Kierkegaard (2015, p. 45) descreve que a angústia é a possibilidade de liberdade para o ser humano, sendo que nunca será encontrada em outro animal.

4 “O existencialismo, para muitos, remonta ao filósofo cristão dinamarquês Sören Kierkegaard (1815-1855), e não sem boas razões. [...] Kierkegaard contesta a ênfase iluminista na racionalidade, assim como a sistematização excessiva da dialética hegeliana. [...] Para ele a insistência hegeliana tardia de que o movimento da história segue uma necessidade lógica e dialética (essa ideia foi mais tarde apropriada e transformada por Karl Marx) obscurece o significado da existência individual. Em contraste com esse tipo de explicação, Kierkegaard, em troca, adota uma explicação altamente subjetiva do significado, que rejeita o cristianismo doutrinário e ortodoxo que busca pregar a verdade para as pessoas” (REYNOLDS, 2014, p. 15).

5 “O filósofo dinamarquês chamou a atenção para a categoria do individual e ridicularizou o idealista absoluto que se esquece de si mesmo, bem como o pensador individual, que se empenha em se fazer impessoal, ao pensar fazer sua reflexão sobre a existência: o pensador que se esquece de pensar que é uma pessoa existente jamais explicará a vida” (RIBEIRO JUNIOR, 2003, p. 26).

.....

O objetivo de Kierkegaard em sua célebre obra *O conceito de angústia* (1844), é compreender de que maneira a angústia se manifesta no homem e o que ela provoca. Sua obra está dividida em cinco capítulos, onde ressalta a relação forte entre angústia e pecado, com uma propulsão para a liberdade. Ele percebe que quanto mais angústia estiver presente, mais humano o indivíduo é. Sua principal fonte de investigação é o personagem bíblico Adão, enfatizando o salto qualitativo que permitiu a liberdade do homem, enquanto singularidade e existência.

O presente artigo pretende apresentar a corrente existencialista como um divisor de águas na filosofia contemporânea, enfatizando Kierkegaard como o pai da mencionada corrente, apresentando a angústia como uma grande temática de seu pensamento e demonstrando sua origem, bem como suas consequências para a vida humana. A obra *O conceito de angústia* é a referência principal, juntamente com alguns comentadores do referido filósofo e do pensamento existencialista, tais como Le Blanc, Farago, Olson, Giles e Jolivet.

1 O PAI DO EXISTENCIALISMO

A filosofia existencialista surgiu no século XIX, trouxe algumas questões referentes ao homem, como a liberdade de escolher e de tomar decisões, sendo que o próprio homem é responsável por dar sentido a sua existência. É certo que “o Existencialismo é o reencontro do homem como pessoa, como realidade espiritual autônoma, com toda a riqueza de sua estrutura ontológica” (RIBEIRO JUNIOR, 2003, p. 34). No entanto, é uma realidade enquanto existência, que remete a um certo movimento para fora. “Daí, denominar-se existencialista toda filosofia que trata diretamente da existência humana. O existencialismo, conseqüentemente, é a doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreto” (PENHA, 2001, p. 11).

Afinal, o que “quer dizer existir? Existir, é o que diferencia o homem, por um lado, de todos os outros seres deste mundo, e por outro lado, de Deus que deles é o começo e o fim. Entretanto, não é do mesmo modo que, pela existência, o homem se diferencia das coisas e se diferencia de Deus” (BEAUFRET, 1976, p. 59). O principal fator, é que o homem possui consciência desta existência, sabe que está existindo. No entanto, essa consciência foi despertada somente quando o homem esteve frente a possibilidade de escolher, como é bem relatado no texto de Gênesis.

De acordo com Abbagnano (2012, p. 468) “Existir significa relacionar-se com o mundo, ou seja, com as coisas e com os outros homens, e, como se trata de relações não-necessárias em suas várias modalidades, as situações em que elas se configuram só podem ser analisadas em termos de possibilidade”. O ser humano é o único existente, pois tem consciência da sua existência. Encontra sentido em existir através das relações que realiza com a natureza, com outras pessoas e consigo.

A existência é algo que jamais será objeto, é a origem a partir da qual cada um experimenta, pensa e age. Existir para o homem, não é o equivalente de ser (*Vaeren*) ou de ter a existência, empírica, imediata, a existência de fato (*Tilvaerelse*). O homem é o único existente, distinto dos outros entes que só têm uma existência de fato e não sabem quem são. Muito mais, para o homem, sua existência é uma tarefa, uma exigência: a de ter que devir, edificar-se. (FARAGO, 2011, p. 75)

A corrente existencialista percebeu que a “porta de acesso à análise da condição humana é a experiência da angústia, através da qual os existencialistas crêem ter chegado a visões diretas e intuitivas que escaparam totalmente aos filósofos tradicionais” (OLSON, 1970, p. 47). Através da angústia é possível analisar o indivíduo como um existente, como uma singularidade. Abbagnano (1978, p. 22) considera que a angústia está estritamente ligada com a condição humana, com aquilo que poderia ser, mas não é, ou seja, com a possibilidade do nada. Sensação provocada de vazio, perante o nada de possibilidades, de incertezas. O homem diante do mundo e de outras pessoas não possui certezas, apenas possibilidades com as suas respectivas consequências.

Qualquer indivíduo bem atento poderá se questionar de onde provém a angústia ou qual seria a sua fonte. Fato que, “quem se angustia, não sabendo qual é a causa de seu estado de espírito, poderá dizer mesmo que é por nada que se aflige” (NUNES, 2019, p. 66). É necessário observar que “nada reforça tanto o sentimento da existência como a inquietação e a angústia. O homem, vivente e exigente, prova-se muito mais no sofrimento do que na alegria” (JOLIVET, 1975, p. 43). O homem vive em um constante velório, em um excessivo luto, não há nada de festa ou alegria⁶. Sendo assim, o indivíduo que estiver vivo irá refletir sobre esta existência.

Diante da angústia “todo o sentido da existência cede lugar a uma dúvida universal sem esperança. O indivíduo deixa de ter um arrimo em que apoiar-se. Lança-se na procura de alguma coisa a que agarrar-se e só alcança o vácuo, vindo a sentir-se em poder da mais absoluta solidão e abandono” (GILES, 1989, p. 19). A pessoa angustiada não encontra uma base sólida, depara-se somente com possibilidades a serem escolhidas. “A angústia, dizia Kierkegaard, purifica a alma, dela extirpando todas as pequenezas” (BEAUFRET, 1976, p. 24).

A angústia é aquele momento extremo em que o homem faz a experiência de si mesmo como liberdade e da liberdade como possibilidade de ser. A própria consciência é, nesse sentido, consciência da liberdade, que em todas as condutas se manifesta, principalmente naquelas exemplares, em que o homem assume atitudes negativas em relação a si próprio. E justamente porque o homem porta o “déficit” do não-ser na estrutura de sua consciência, é-lhe inerente, até na excessiva preocupação com a sinceridade, o risco da má-fé. (NUNES, 2019, p. 159)

Olson (1970, p. 32-33), afirma que, os filósofos existencialistas concordam sobre três questões referentes aos valores. Em primeiro lugar, deve haver uma aceitação da angústia e

6 Cf. BÍBLIA de Jerusalém, 2013, p. 1078.

.....

do sofrimento para que possam ser experimentados. Se uma pessoa pretende fazer uma livre escolha deve haver angústia, caso contrário não haverá uma opção. Em segundo lugar, os valores existencialistas possuem como função libertar o homem das formas degeneradas de angústia, tédio, apatia, medo ou ansiedade. Em terceiro lugar, os valores existencialistas fazem com que o indivíduo impulsione todas as suas energias para as suas ações, pois desperta a consciência e as paixões.

Dentre os filósofos existencialistas, destaca-se Kierkegaard, considerado o pai do existencialismo, porque “introduziu novo conceito de existência: o *ser*, cuja atualidade ou existência lhe é interior ou consciente e tal existência é peculiar ao ser humano. Só a pessoa humana, entre todos os seres do mundo, é consciente tanto da existência própria como da alheia” (RIBEIRO JUNIOR, 2003, p. 26). O filósofo dinamarquês realizou uma ruptura no pensamento de sua época, iniciando uma filosofia centrada no indivíduo, na pessoa humana. Ele foi uma grande luz, “por ser o primeiro da referida corrente, como também pela própria perspicácia das análises que faz da situação em que o homem moderno se encontra e, sobretudo, pela influência que exerceu sobre todos os filósofos existencialistas-fenomenólogos contemporâneos” (GILES, 1989, p. 5).

O filósofo existencialista traz alguns temas fundamentais e que de certa forma são uma novidade, como o “fracasso dos sistemas, o paradoxo e o absurdo, o desespero e a angústia, o abandono do *homo naturalis* e o compromisso do *homo christianus*, o sentido do risco e o drama do indivíduo, o valor exclusivo da subjectividade e a incerteza absoluta do objetivo” (JOLIVET, 1975, p. 31). Traz também a ideia de possibilidade⁷, ou seja do vir a ser, que está fortemente interligada com a angústia, caracterizando assim o indivíduo kierkegaardiano. O que faz dele um existencialista é a sua preocupação com os sentimentos e sua análise do homem enquanto um indivíduo singular e livre para escolher.

Os existencialistas foram rápidos em saudar Kierkegaard como um importante antecessor de sua escola. Eles veem nos escritos de Kierkegaard análises importantes de conceitos como liberdade, alienação, autenticidade, falta de sentido, desespero, e angústia. Todos esses pontos foram uma grande inspiração para autores como Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Simone de Beauvoir, Gabriel Marcel, Karl Jaspers, Martin Heidegger e outros associados ao existencialismo. (STEWART, 2017, p. 252)

De acordo com Farago (2011, p. 70), Kierkegaard salienta que a razão não dirige o mundo, apenas regula-o nas profundezas de um ser irracional, que é a energia da vida em sua interioridade. Tal concepção referente a razão fez uma forte oposição a filosofia de Hegel. Por outro lado, Kierkegaard se animou com a filosofia produzida por seus contemporâneos. No

7 “Já em meados do século XIX, Kierkegaard insistira na importância da categoria da possibilidade, e por isso é a ele que os filósofos da existência costumam reportar-se. Mas Kierkegaard também insistira no aspecto nadificante do possível, que torna problemáticas e negativas tanto as relações do homem com o mundo quanto as relações do homem consigo mesmo e com Deus” (ABBAGNANO, 2012, p. 469).

entanto, iria se opor fortemente com as ideias de Hegel⁸, principalmente pelo fato de querer explicar tudo através de um sistema.

Inicialmente empolgado, como a maioria de seus contemporâneos, pelas idéias de Hegel, Kierkegaard logo depois se oporia energeticamente ao intento hegeliano de condensar a realidade num sistema. [...] A ambição de Hegel foi justamente a de integrar, no que denominou de idéia Absoluta, toda a realidade do mundo. No processo que conduz a essa culminância, o indivíduo nada mais é do que uma de suas fases. Descrente da possibilidade de algum sistema resolver as diferenças entre os indivíduos, Kierkegaard insurgiu-se contra tal concepção. O indivíduo, dizia, não pode ser a mera manifestação da idéia. O erro de Hegel, sentencia Kierkegaard, foi ter ignorado a existência concreta do indivíduo. (PENHA, 2001, p. 15-16)

Conforme relata Abbagnano (1978, p. 25-26), a angústia em que o homem passa está relacionada com o mundo, já o desespero é a condição do homem com a sua própria interioridade, com o seu eu. A possibilidade que provoca a angústia no homem, é a possibilidade de fatos, circunstâncias e laços que ligam o homem ao mundo. O desespero é inseparável da personalidade do homem, na relação consigo próprio, dado que angústia e desespero estão interligados na problemática da existência. Todavia, “Existir é sofrer necessariamente o desespero e a angústia, ligados uma e outro à realidade e à possibilidade da culpa” (JOLIVET, 1975, p. 56).

Ribeiro Junior (2003, p. 16) descreve que existir para o filósofo dinamarquês, “significa mudança e temporalidade, e estar no tempo é estar frente a novas e perenes possibilidades. Para Kierkegaard, a verdade não é algo objetivo, senão uma projeção subjetiva”. Nesta mesma perspectiva das perenes possibilidades, o ser humano vive em um mundo de inúmeras possibilidades, não podendo evitar a possibilidade de escolher. No entanto, o homem vive debruçado no futuro das possibilidades, porém não há garantia que tais possibilidades serão realizadas. A maior certeza é que por serem possibilidades humanas trarão consequências, como o insucesso, o fracasso e a morte. Tal que, “É impossível escapar ao desespero. A ausência de desespero equivaleria, rigorosamente, ao nada” (JOLIVET, 1975, p. 57).

O Indivíduo, já que é uma síntese do infinito e do finito, do eterno e do temporal, da liberdade e da necessidade; uma vez que não é totalmente auto-suficiente, só poderá conseguir auto-realizar-se relacionando-se com o Eterno. E no entanto, se não consegue tal relacionamento, cai no desespero. Esse desespero pode assumir três formas: o desespero motivado pelo desejo de não ser si-próprio; o desespero motivado pelo desejo de ser si-próprio; o desespero pelo fato de não ser consciente de ter um “eu”. (GILES, 1989, p. 14)

8 “O singular é o homem. Contrariamente ao que ocorre entre os animais, o homem singular vale mais que a espécie. Apenas ele tem consciência de sua singularidade. Portanto, o homem é a categoria central da existência. A existência individual, assim a concebe Kierkegaard, é para ser vivida, dispensando ser explicada racionalmente, conforme pretendia Hegel. Contra concepção hegeliana do homem, valorizado apenas naquilo que apresenta de geral e abstrato, Kierkegaard exalta o concreto, o singular, o homem enquanto subjetividade” (PENHA, 2001, p. 17).

O próprio Kierkegaard (2015, p. 30) bem notou que o essencial da existência humana é “que o homem é *individuum* e, como tal, ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano, de maneira que a humanidade participa toda inteira do indivíduo e o indivíduo participa de todo o gênero humano”. Cabe destacar que o referido filósofo possui uma grande habilidade⁹ em traçar um caminho para o homem encontrar a si mesmo, estando diante de excepcional singularidade. Assim, percebe-se que o ponto de investigação da filosofia existencialista é o homem enquanto indivíduo. Neste aspecto Jolivet (1975, p.10) afirma que deve haver uma limitação, em apenas existir, o restante, como o discurso, é apenas um existir mais poético do que real, sendo que o verdadeiro e autêntico existente é silêncio. Deve-se, pois, silenciar-se, permitindo ecoar apenas a existência do ser. Calando todas as palavras, restará somente o homem singular.

2 A ANGÚSTIA DE ADÃO É A ANGÚSTIA DO GÊNERO HUMANO¹⁰

O principal fator que diferencia o homem dos outros animais, é que ele é superior à espécie, devido à sua característica enquanto espírito¹¹. O animal por sua vez possui uma essência, sendo esta já determinada pelas leis da natureza, totalmente condicionada e guiada por seus instintos, não sendo livre. No entanto, o ser humano, possui o seu modo de ser como indivíduo na existência, não como uma necessidade ou realidade, mas como fator de liberdade, no sentido de poder ser. “Se a existência é possibilidade, a existência individual é angústia. Se a individualidade é o modo de ser fundamental do homem diante da existência, sua dimensão principal é, portanto, a angústia” (LE BLANC, 2003, p. 51). O humano escolhe, decide aquilo que quer ser e tornar-se. Tal liberdade é possível enquanto possibilidade, e, portanto, angústia do incerto, do futuro. “A angústia é a condição gerada no homem pelo possível que o constitui. Está estreitamente ligada ao pecado e na base do próprio pecado original” (ABBAGNANO, 1978, p. 21). Fatores estes que nos remetem a criação do mundo e do próprio homem, descritos nos textos sagrados.

Se um humano fosse um animal ou um anjo, não poderia angustiar-se. Dado que ele é uma síntese, pode angustiar-se, e quanto mais profundamente se angustia, tanto maior é o ser humano, mas não, contudo, no sentido em que os homens em geral o consideram, referindo a angústia a algo externo, como algo que é exterior ao homem,

9 Cf. BEAUFRET, 1976, p. 13.

10 Cf. KIERKEGAARD, 2015, p. 31.

11 “A A. é, segundo Kierkegaard, parte essencial da espiritualidade do homem, de tal sorte que, se o homem fosse anjo ou animal, não conheceria a A.: e, com efeito, só consegue mascarar-la ou escondê-la o homem cuja espiritualidade é demasiado débil. Como reflexão sobre a própria condição humana, a espiritualidade do homem está ligada à A., isto é, ao sentimento da ameaça imanente em toda possibilidade humana como tal” (ABBAGNANO, 2012, p. 63).

e sim no sentido de que ele mesmo produz a angústia. (KIERKEGAARD, 2015, p. 168)

O homem, a última criatura a ser criada, foi feito a imagem e semelhança de Deus. “Como primeiro homem, Adão era ao mesmo tempo ele mesmo e o gênero humano. No Éden, ele vivia num estado de inocência mesclado com ignorância. Essa ignorância determinará sua queda” (LE BLANC, 2003, p. 81). No relato bíblico encontra-se um versículo surpreendente em Gênesis 2,18: “Iahweh Deus disse: ‘Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda’” (BÍBLIA de Jerusalém, 2013, p. 36). Não foi Adão que se viu só no Éden, mas o próprio Deus que lhe conferiu essa ideia de solidão e quis sanar esta falta. Contudo se o homem é a imagem de Deus, por que Deus o viu solitário? Ele também não deveria bastar a si próprio? Contudo há outro ponto que aguça qualquer meditador atento: se Adão no paraíso não tinha uma condição de pecado, ele poderia conhecer o que era o bem e o que era o mal, ou apenas vivia uma angústia do não saber? Tais questões Kierkegaard (o Vigia de Copenhague) investigou e desenvolveu em sua obra *O conceito de angústia*¹².

Nesta obra, Kierkegaard vai delinear o caminho percorrido para o surgimento da angústia no homem, salientando o personagem bíblico Adão como protagonista desta história e como representante de todo o gênero humano. Descreve como era este homem antes do pecado original, cujo qual, vivia imerso em um estado de inocência¹³ e de ignorância. O auge de todo este contexto foi quando houve a proibição realizada por Deus, referente ao fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal.

A inocência não pode, naturalmente, compreender esta palavra, mas a angústia recebeu, por assim dizer, sua primeira presa; ao invés de nada, ela obteve uma palavra enigmática. Assim, quando, no Gênesis Deus disse a Adão: “Mas não comas os frutos da árvore da ciência do bem e do mal”, é óbvio que Adão propriamente não entendeu essas palavras, pois como haveria de entender a distinção entre bem e mal, visto que esta distinção só seguiria à fruição? (KIERKEGAARD, 2015, p. 48)

A proibição de Deus para Adão, aponta Luz (2009, p. 50-51), não ressoou como uma privação de sua liberdade, devido ao fato dele estar em um estado de ignorância, de não conhecer e não saber. Entretanto, provocou em Adão uma angústia da possibilidade de liberdade. Como não conhecia o que era uma ordem ou um castigo por desobedecê-la, Adão é movido pelo desejo que tal proibição despertou. Esse desejo é a própria angústia, sentida

12 “Em 17 de junho de 1844, Kierkegaard publicou *O conceito de angústia*, sob o pseudônimo Vigilius Haufniensis, ou ‘o vigia de Copenhague’. Esse trabalho foi publicado apenas quatro dias após Migalhas filosóficas, e no mesmo dia que o livro intitulado Prefácios. O conceito de angústia é uma das obras mais acadêmicas de Kierkegaard. Ele trata do complexo conjunto de questões acerca da liberdade do indivíduo e do pecado hereditário. É nesse contexto que sua influente análise da angústia é exposta” (STEWART, 2017, p. 184).

13 No estado de inocência o espírito está aí presente, porém como se estivesse adormecido. No entanto, há repouso e tranquilidade, mas há algo que inquieta. O que realmente há neste estado é o nada e este nada faz nascer a angústia.

.....

através da possibilidade de conhecer, de expandir-se.

O estado antes do pecado¹⁴ não pode ser compreendido dentro de limites definidos, a não ser por um estado de não compreensão. Adão não tinha consciência de si como individualidade, ele e a natureza eram como uma única extensão, como os demais animais, por isso não havia desejos ou pulsões, pois não havia entendimento. Tal fato de não ter uma consciência de si, levou que a “angústia foi responsável por sua queda por estabelecer uma relação entre a inocência de Adão e a coisa proibida e o castigo” (LE BLANC, 2003, p. 81). Não havia também conhecimento sobre o mal, porque este, só existiria se a ideia de bem estivesse presente, contudo, isso implicaria a própria existência do mal. A divisão entre aquilo que pode ser bom ou mal surge do próprio pecado original. Antes dele, Adão não tinha compreensão sobre a diferença entre eles. Contudo após o pecado, entra no mundo a catalogação entre bons e maus, justos e injustos. Sendo que “Nossos pecados devem ser resultado de volição individual. Somos nós como indivíduos que, por nossas próprias opções indeterminadas, pecamos” (OLSON, 1970, p. 124).

Em Gênesis 2, 16-17 encontra-se o relato da proibição realizada por Deus à Adão: “E Iahweh Deus deu ao homem este mandamento: ‘Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer’” (BÍBLIA de Jerusalém, 2013, p. 36). Adão ao ouvir a proibição do próprio Deus de não poder comer a fruta da árvore do conhecimento do bem e do mal, sentiu nele a inquietação da angústia¹⁵, por que como poderia “estar certo de ser a exceção justificada? Como pode saber que é ele o eleito, aquele a quem Deus encarregou de uma tarefa excepcional, que exige e justifica a suspensão da ética?” (ABBAGNANO, 1978, p. 18). Pela primeira vez, Deus lhe disse algo que possibilitou uma liberdade que não conhecia, devido à angústia do desconhecido, do misterioso.

A proibição redundou em um efeito contrário, visto que “o angustia porque desperta nele a possibilidade da liberdade” (KIERKEGAARD, 2015, p. 48), um tipo de convite e salto qualitativo a algo novo, que foi descrito pela serpente em Gênesis 3,4-5: “Não, não morreréis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como

14 “Também aqui, como se vê, não se trata da origem temporal, mas da origem racional do P. original, e aqui também essa origem é vista numa possibilidade, indeterminada ou ‘indefinida’, como a denomina Kierkegaard, que é também a possibilidade de agir contra a proibição divina. Para Kierkegaard, assim como para Kant, o P. original consistiria, portanto, na perspectiva de uma possibilidade, que, como tal, pode implicar a infração à norma moral ou à proibição divina” (ABBAGNANO, 2012, p. 871).

15 “Sob o ponto de vista subjetivo, a angústia é uma experiência extremamente intensa com uma nota emocional absolutamente peculiar. Por um lado, há um sentimento de espanto, terror e náusea. Por outro, há um sentimento de admiração, exaltação e sublimidade. Às vezes, as sensações de terror e de euforia fundem-se; às vezes são simplesmente consecutivas; mas na caracterização genuína da angústia existencial, êsses dois pólos afetivos devem estar sempre presentes” (OLSON, 1970, p. 47).

deuses, versados no bem e no mal” (BÍBLIA de Jerusalém, 2013, p. 37). Adão e Eva outra vez se perguntaram o que seria o bem e o que seria o mal, resultando em uma profunda angústia do desconhecido.

O homem, com efeito, mesmo no estado de inocência primitiva, ou seja, de ignorância ligada a um estado de calma e de repouso, onde ainda não há nada contra o que lutar, não é animalidade bruta: o espírito, mesmo no estado de imediatidade e sonho, experimenta a angústia diante do nada. Adão e Eva tinham uma alma em união imediata com a natureza. Não estavam ainda postos como espírito, mas somente como possibilidade de espírito, como cada um de nós quando nascemos. O espírito só lhes advém com a cisão que é permitida somente pelo conhecimento, pela consciência reflexiva de si mesmo, mesmo no estado de esboço: o momento em que tomam consciência da nudez marca a presença do espírito no estado de esboço que funde a alma e o corpo, permitindo o nascimento da vida interior. (FARAGO, 2011, p. 79-80)

O par antagônico é fundamental por estabelecer os limites de cada elemento, e fazer a cisão entre uma coisa e outra. Todavia, Adão não conhecia isso, seu estado de pureza original não significava outra coisa que um puro estado de ignorância. “A inocência não é uma imperfeição, na qual não se possa permanecer, pois sempre se basta a si mesma, e aquele que a perdeu, da única maneira pela qual pode ser perdida, isto é, pela culpa” (KIERKEGAARD, 2015, p. 40). Conforme destaca Luz (2009, p. 48), “A perda da inocência só é compreendida quando se tem a noção de culpa. No estado de inocência, não há preocupação com o pecado, com o certo ou errado”. Percebe-se que Adão e Eva perderam o estado de inocência somente quando tiveram consciência da culpa do pecado de terem desobedecido a Deus. Antes disso não havia preocupações, pois não sabiam o que era pecado, nem o que era errado.

De acordo com Le Blanc (2003, p. 81), a angústia é um estado que expressa a relação do homem com o mundo, determinada pela liberdade. Um claro exemplo disso é a queda de Adão e Eva descrita no Gênesis, onde se encontra o fundamento principal do pecado original. Nesta narração bíblica é fácil de perceber a forte relação que há entre angústia e pecado. Não há como falar de um sem mencionar o outro. A angústia¹⁶ trouxe o pecado para o mundo ao provocar o desejo do proibido no pai da humanidade. No entanto, a angústia continuou acompanhando a vida do homem através do próprio pecado. O homem sente-se angustiado por temer a repetir os mesmos erros e pecados.

O pecado surgiu na angústia, mas o pecado trouxe consigo, por sua vez, a angústia. A realidade do pecado é, com efeito, uma realidade que não tem consistência. De um lado, a continuidade do pecado é a possibilidade que angustia; por outro lado, a possibilidade de uma salvação é por sua vez um nada que o indivíduo tanto ama quanto teme, pois é sempre assim a relação da possibilidade para com a

16 “Ora, a angústia, no sentido geral, dicionarizado, significa aflição ou ansiedade. Psicologicamente é um sentimento ambíguo: quem se angustia, sente-se atraído pela aflição que o domina, e quer, ao mesmo tempo libertar-se dela” (NUNES, 2019, p. 66).

.....
individualidade. Só no momento em que a salvação é realmente posta, só então é superada esta angústia. (KIERKEGAARD, 2015, p. 58)

A angústia se manifesta tanto na possibilidade de voltar a repetir os mesmos erros ou pecados, quanto na possibilidade de se alcançar a salvação, da qual o indivíduo ama e teme. Indubitavelmente a angústia propicia um encontro da pessoa consigo mesma. Farago (2011, p. 80) descreve que através da angústia o indivíduo consegue chegar à consciência de si mesmo. É o momento que começa a ter um contato com sua singularidade realizando uma experiência afetiva única. Diferente de um sentimento de receio ou medo, a angústia não possui um objeto ou intencionalidade. Ela é completamente um *páthos*, onde o homem entra em contato com a sua própria consciência e essência.

Caes (2011, p. 94) afirma que, quando existe a possibilidade de escolher algo que determinará os dias futuros, é preciso ter a convicção de que a escolha feita foi a melhor opção. Tanto que, diante do fato de escolher não há outra opção a não ser escolher, sendo que não querer escolher é uma escolha também. Foi através dessa forma que a angústia surgiu, estando Adão, que representa todo o gênero humano, perante a possibilidade da liberdade de conhecer o desconhecido, escolheu comer do fruto proibido. Após desobedecer a Deus comendo o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, aconteceu algo de inusitado, que é descrito em Gênesis 3,7: “Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e se cingiram” (BÍBLIA de Jerusalém, 2013, p. 37). Adão e Eva deixam de ser ignorantes, tomam consciência de sua singularidade enquanto indivíduos. A partir deste momento o homem toma em suas mãos a sua singularidade.

3 A ANGÚSTIA É A VERTIGEM DA LIBERDADE

O ponto central, o salto qualitativo, é a humanização de Adão e de Eva no pós-pecado. Como os dois não se compreendiam diferentes, a opção que surge da angústia, faz com que eles se tomem nas mãos, se tornem individualidades. “A angústia da incerteza é a única segurança possível. A fé é por isso a certeza angustiante, e a angústia que se torna certa de si e de uma relação oculta com Deus” (ABBAGNANO, 1978, p. 19). O espírito divide o corpo e alma, e logo faz sua síntese, é neste momento que os olhos dos dois se abrem. Adão vê Eva e a vê como diferente. Adão compreendeu-se diferente de Eva, essa diferença não só lhe concedeu a curiosidade, mas o colocou de frente a si mesmo, a sua nudez, ao seu interior.

A culpa do pecado recai sobre a mulher. Esse discurso se origina na fala de Adão em Gênesis 3,12: “A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!” (BÍBLIA de Jerusalém, 2013, p. 37). Eva seduz o homem¹⁷, é ela a fraqueza que o sexo masculino não pode suportar. De fato, Adão identifica que foi o próprio Deus que deu a ele a mulher. Eva é uma derivação de Adão, feita a partir dele, de sua costela, que indica a relação de igualdade

17 Cf. KIERKEGAARD, 2015, p. 51.

entre eles, pois ela saiu de sua costela, ou seja, do meio dele. Contudo o fato de ser derivada confere a ela sua diversidade, como também sua sensualidade¹⁸ e por isso ela se encontra com mais angústia. Seria, portanto, um defeito da mulher ser mais angustiada? De modo algum. A angústia quanto mais ampla, anuncia antecipadamente um grau de liberdade maior.

A mulher está mais sujeita à angústia do que o homem. Ora, isso não tem a ver com o fato de que ela possui menor força física etc., pois aqui não se trata, absolutamente, desse tipo de angústia; mas se baseia no fato de que ela é mais sensual e, contudo, está por essência determinada espiritualmente, do mesmo modo de que o homem. Por isso, o que se tem dito por aí, a toda hora, que ela é o sexo mais fraco, é, para mim, bastante indiferente; pois por essa mesma razão ela poderia muito bem se angustiar menos do que o homem. A angústia aqui precisa ser tomada sempre na direção da liberdade. (KIERKEGAARD, 2015, p. 73)

O Éden era o lugar sagrado de seres que possuíam alma e corpo, mas não tinham sexo e nem identidade ou história. A curiosidade do pecado original expulsou o homem de sua pátria sagrada e trouxe a dor que nasce propriamente do desejo não realizado. Sem consciência de si não haveria sofrimento. De certo modo ao pecar o homem se fez homem, adquire sua identidade e sua sexualidade, “pois ao comer do fruto do conhecimento, introduziu-se a diferença entre bem e mal, mas também a diversidade sexual enquanto instinto” (KIERKEGAARD, 2015, p. 85), e saindo da eternidade do Éden iniciou a história do gênero humano. A feliz culpa de Adão deu o salto qualitativo que demarca duas histórias: uma que foi o tempo no paraíso e a outra que se constitui como tempo do gênero humano.

On the other hand, we habitually experience the tendency to think that good and bad actions differ, not because they are acts of freedom or not, but because they are, in whatever case, acts of freedom – equally free acts – with a difference that gets added, afterwards, to the freedom. In other words, we think that good and evil are determinations preceding freedom, which essentially do not depend on this but on that to which it gets indifferently applied. Or rather, we judge that a subject is doing good when he freely chooses an object that is, without considering freedom, good, and doing harm when he freely chooses an object that is, without considering freedom, bad. (FERRO, 2015, p. 109)¹⁹

O salto qualitativo foi a ponte do primeiro tempo para o segundo, contudo foi também

18 “A expressão da diferença está em que a angústia é mais refletida em Eva do que em Adão. Isso tem sua razão no fato de que a mulher é mais sensual do que o homem” (KIERKEGAARD, 2015, p. 70).

19 “Por outro lado, habitualmente experimentamos a tendência de pensar que boas e más ações diferem, não porque sejam atos de liberdade ou não, mas porque são, em qualquer caso, atos de liberdade - atos igualmente livres - com uma diferença que é adicionada, posteriormente, à liberdade. Em outras palavras, pensamos que o bem e o mal são determinações que precedem a liberdade, que essencialmente não dependem disso, mas daquilo a que ela se aplica indiferentemente. Ou melhor, julgamos que um sujeito faz o bem quando escolhe livremente um objeto que é, sem considerar a liberdade, bom, e faz mal quando escolhe livremente um objeto que é, sem considerar a liberdade, mau” (FERRO, 2015, p. 109, tradução nossa).

.....

uma cisão irreversível da qual não se deve perder tempo para tentar voltar. O homem do paraíso era um ser inconsciente de si e completamente exterior. Sua exterioridade insinuava o vazio de sua interioridade que antes do pecado não tinha importância. O preço de sua liberdade e de sua individualização foi a expulsão do estado de ignorância. É aqui que nasce o desespero, pois ele se toma em seu vazio frente ao mundo. Ele deve dar conta de si mesmo.

A esta situação Kierkegaard dá o nome de o desespero, no qual não se quer tomar consciência de ter um eu. Há muitos trabalhos a considerar, muitos esforços, muitas batalhas. ‘De modo geral, a consciência – quero dizer, a consciência de si – é o elemento decisivo quando se trata do eu. Quanto mais consciência houver, tanto mais também o eu está desenvolvido; quanto mais consciência, tanto mais vontade também; quanto mais vontade, tanto mais também há eu. Um homem sem vontade não é um eu’. Quanto menos consciência tem um homem do seu eu, tanto mais sente a sua natureza como instinto, tanto menos se sente livre, tanto mais se exculpa. Por isso o desespero latente permanece nele inconsciente. (FARAGO, 2011, p. 110-111)

O desespero é latente, pois o homem não possui uma história acabada na qual ele é uma marionete, ele mesmo a deve construir²⁰. Entretanto, o essencial é o cuidado com o seu eu, que pode ser esquecido pela exteriorização, que o coloca longe da angústia e ao mesmo tempo longe da liberdade, pois tal “desespero brota do não querer se aceitar como estando nas mãos de Deus” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 234). O homem exterior está sempre tentando se dissolver no mundo, como estava Adão antes do salto qualitativo. Já o homem interior se deu conta que não pode regressar a algo original, mas deve continuar a dar saltos qualitativos.

Sendo assim, através da angústia, que é a condição fundamental da existência humana, surge o puro sentimento do possível, ou seja, do futuro. Sentido este proveniente da liberdade, daquilo que pode acontecer, pois “a possibilidade da liberdade anuncia-se na angústia” (KIERKEGAARD, 2015, p. 82), podendo ser bom ou até mais terrível do que a realidade presente²¹. Por meio da angústia sentida, que provoca uma mudança, o homem deixa de ser o que era, algo fica diferente. O salto qualitativo é realizado, graças à força da angústia que impulsiona o homem a realizá-lo.

A liberdade só pode consistir numa subtração à finitude, quer pela superação da ilusão do eu individual, quer pela identificação do eu com a totalidade do que é. O objetivo mais elevado da vida é uma visão mística da necessidade eterna e

20 “Para Kierkegaard, uma escolha individual, ou ato de autodeterminação, é inevitavelmente acompanhada por uma experiência de temor, em que nos damos conta de que o cálculo racional nunca será suficiente pra fornecer as respostas ao paradoxo religioso, ou para outros temas de maior relevância existencial em nossas vidas (como por exemplo se Kierkegaard deveria ou não deixar sua noiva, Regina), muito menos para nos motivar a adotar qualquer forma de agir particular com base nessa deliberação” (REYNOLDS, 2014, p. 17).

21 O personagem bíblico Abraão passou por uma angustiante prova divina de necessitar sacrificar o seu filho Isaac. Penha (2001, p. 19), descreve que Abraão precisou escolher entre a obediência ou a transgressão, entre as exigências racionais e éticas ou a ordem de Deus. Diante disso, ao indivíduo resta apenas escolher o que ser ou fazer, sendo que é impossível fugir desta liberdade de escolha.

uma fusão com o infinito, ou alguma outra experiência em grande parte estética. Nossa responsabilidade moral, na medida em que se pode dizer que a termos, é compreender o mundo, não alterá-lo. O subjetivista, em contraste, imortaliza a personalidade humana individual. Cada indivíduo é um centro vívido de espiritualidade ou uma alma substancial, duradoura. (OLSON, 1970, p. 164-165)

Indubitavelmente a singularidade de cada indivíduo aspira por algo a mais, pelo infinito, fato este demonstrado com o exemplo do personagem bíblico Adão. Mesmo estando imerso em um mar de angústia, desespero e temor, o indivíduo necessita resistir, para conseguir alcançar a liberdade tão almejada. “Para Kierkegaard, necessitamos suportar e viver com, e não contra, a tensão de uma crença – ou seja, em desespero – e não resolver, dogmática e alegremente, uma crença paradoxal seja em uma verdade objetiva final seja em um frívolo capricho consumista” (REYNOLDS, 2014, p. 18).

É interessante notar que o “pecado é uma ação realizada individualmente pelo homem, sem mediação e explicação racional que consigam apreender toda a realidade desse ato” (ARAÚJO, 2016, p. 67), sendo que da mesma forma “[...] o pecado é uma responsabilidade pessoal, é um âmbito ético, intransferível, algo que compete somente ao indivíduo” (ARAÚJO, 2016, p. 71). Partindo deste pressuposto é perceptível que a abordagem da angústia na obra de 1844, não busca esclarecer o pecado hereditário, mas pressupõem uma compreensão da angústia no existente como um caminho para a liberdade.

As we know, in *The Concept of Anxiety* the arising of evil – of sin, using the terminology of book – is preceded by temptation. In this regard, Vigilius Haufniensis goes along with the book of Genesis and, when referring to temptation, discards, for reasons that it is not worthwhile explaining here, the possibility of temptations having a purely external origin, in the snake therefore. Temptation, on the other hand, cannot derive from an inner inclination towards evil, because such an inclination already derives from sin, that is the stage preceding evil is that of innocence and ignorance of the difference between good and evil. The problem is indeed difficult: sin cannot be understood without a prior temptation and this cannot be either purely internal or purely external. Apart from this, this temptation has to have (it is also not possible to present the reasons for the fact of its having to be thus) the form of a deception, a trick. (FERRO, 2015, p. 108-109)²²

Indubitavelmente se faz notar que a tentação precede o ato do pecado. Essa tentação

22 “Como sabemos, em *O Conceito de Angústia* o surgimento do mal - do pecado, usando a terminologia do livro - é precedido pela tentação. Nesse sentido, Vigilius Haufniensis acompanha o livro do Gênesis e, ao se referir à tentação, descarta, por motivos que não vale a pena explicar aqui, a possibilidade de as tentações terem origem puramente externa, portanto na cobra. A tentação, por outro lado, não pode derivar de uma inclinação interior para o mal, porque tal inclinação já deriva do pecado, ou seja, o estágio anterior ao mal é o da inocência e da ignorância da diferença entre o bem e o mal. O problema é realmente difícil: o pecado não pode ser compreendido sem uma tentação prévia e esta não pode ser puramente interna ou puramente externa. Além disso, essa tentação deve ter (também não é possível apresentar as razões do fato de ser assim) a forma de um engano, de um truque” (FERRO, 2015, p. 108-109, tradução nossa).

.....

poderia ser atribuída a possibilidade de ser-capaz-de, ao que Adão poderia fazer com a possibilidade de liberdade despertada. A angústia possibilita uma mudança e abertura que inúmeras vezes produz sofrimento. Foi através do salto qualitativo que o pecado entrou na humanidade²³, conforme é relatado pela Sagrada Escritura. Após pecar pode-se acreditar que a angústia foi abolida, mas não é assim que acontece. Ela retorna com maior intensidade entre a realidade posta e o futuro, com a possibilidade de consequências.

Pelo salto qualitativo o pecado entrou no mundo, e é sempre assim que ele entra. Uma vez posto, dever-se-ia crer que a angústia foi abolida, já que se definiu a angústia como o mostrar-se da liberdade para si mesma na possibilidade. O salto qualitativo é, certamente, a realidade efetiva, e assim, por certo, a possibilidade está abolida e com ela a angústia. Contudo, não é assim. Pois, por uma parte, a realidade efetiva não é um único instante e, por outra parte, a realidade que foi efetivamente posta é uma realidade indevida. A angústia retorna então em relação ao que foi posto e ao futuro. (KIERKEGAARD, 2015, p. 121)

Segundo Araújo (2016, p. 74), é óbvio que existem diferenças entre o nosso mundo e o de Adão, mas o dilema é o mesmo diante do pecado. A angústia se faz presente ante possibilidades que estejam diante de nós ou quando estamos conscientes daquilo que estamos realizando. Faz-se notar que as diferenças são apenas contextuais, porém o pecado é essencial para ambos. É a angústia que faz o homem a tomar consciência de sua existência singular, bem como de sua liberdade.

A proibição divina equivaleria à possibilidade da falta, no estado de inocência. É a angústia que, concomitantemente, revela ao homem, nessa possibilidade, a existência de sua própria liberdade. Mas a distância imensa que há entre a inocência e o pecado, o abismo que vai da possibilidade à liberdade, só podem ser eliminados por um salto qualitativo, por um movimento irredutível e instantâneo, que se processa em meio de uma decisão angustiantes: a queda. (NUNES, 2019, p. 66)

Pode-se pensar que a angústia nos faz imperfeitos, fracos ou até mesmo seres limitados. No entanto, Kierkegaard (2015, p. 57) enfatiza que “a angústia não é, nem neste caso nem em outro qualquer, uma imperfeição do homem, e pode-se dizer, ao contrário, que quanto mais original é um homem, tanto mais profunda será sua angústia”. Com esta afirmação do filósofo dinamarquês, é possível dizer que a angústia faz o indivíduo ser homem. Ela nos impulsiona a viver a liberdade, a abraçar a singularidade. A liberdade continuamente resgata a possibilidade de escolha.

23 “Tal e qual como era em Adão, a angústia não retornará jamais, pois por meio dela veio a pecaminosidade ao mundo. Sobre esta base, aquela angústia encontrou duas analogias: a angústia objetiva na natureza e a angústia subjetiva no indivíduo. Esta última contém um mais e a primeira, um menos, com respeito à angústia de Adão” (KIERKEGAARD, 2015, p. 66).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação de Kierkegaard para compreender a angústia, resultou em sua notável obra *O conceito de angústia*. Nela, há a busca para demonstrar a maneira que a angústia entrou no mundo, perpassando os textos relatados no início do livro sagrado. Foi através da proibição divina feita a Adão e conseqüentemente com o pecado que tudo iniciou. A obra descreve também as relações entre Adão e o gênero humano e do modo que a angústia possibilita a liberdade. Tal conceito faz o homem ser diferente dos demais animais, sem a angústia o ser humano seria um animal como os outros ou um anjo.

A angústia é o princípio fundamental do pensamento de Kierkegaard, é por meio dela que o indivíduo toma em mãos a sua singularidade e existência. Através do pecado, que é um ato de responsabilidade individual, é possível realizar o salto qualitativo. Visto que o pecado tanto para Adão como para o homem posterior, são possibilidades de liberdade antes da possibilidade, ou seja, angústia²⁴. O ato de tomar consciência do pecado²⁵ no próprio interior, provoca uma grande angústia para o indivíduo, sem contar com as vastas possibilidades de conseqüências que resulta ainda mais em angústia.

O pensamento kierkegaardiano insiste que se deve aprender a ter uma autoconsciência da angústia, enfrentando-a sem negá-la ou fingir que não a possui. A angústia pode ser uma experiência de liberdade. É uma forma do homem descobrir-se como existente, pois ela é uma força propulsora, levando-o para si, para o poder-ser. A angústia de forma alguma é uma fraqueza humana ou uma imperfeição. O filósofo dinamarquês insiste que, quanto maior for a angústia maior será a humanidade do indivíduo. Ela que revela ao indivíduo a liberdade, de ele poder ser ou vir a ser. Através da angústia poder vivenciar as possibilidades mais diversas, como pecar, sentir culpa, se desesperar, de ser singularidade.

A angústia é a possibilidade constante de experiências no mundo, porém ela é ainda um nada para o existente. Ela é aquela força que impulsiona o indivíduo a dar o salto qualitativo, para tornar-se concretude. Sendo um constante exercício de conquistar a si mesmo a cada momento livre para si²⁶. Quando Adão peca o véu de sua inocência e ignorância cai, sendo que perde um tipo de unidade com Deus, e aqui encontra-se a angústia. A angústia é em si a capacidade de escolher, porém cada opção vai ter conseqüências imediatas e futuras, sendo irreversíveis. A angústia não está ligada somente ao ato de pecar, ela se liga a todas as nossas escolhas e tautologicamente a liberdade. Adão é um paradigma para todos os seres humanos, o seu pecado explica a origem nos demais homens, como também a grande ideia existencialista de que os homens têm que dar conta de si. Afinal, fomos condenados a liberdade.

24 Cf. ARAÚJO, 2016, p. 221.

25 “A descoberta do pecado no próprio interior causa uma intensa angústia no indivíduo” (SOLÉ, 2017, p. 83).

26 Cf. ARAÚJO, 2016, p. 225.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 1210 p.

_____. **História da filosofia**. Tradução de Armando da Silva Carvalho e Antonio Ramos Rosa. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1978. 260 p. 10 v. (Coleção História da filosofia)

ARAÚJO, C. F. O. **Angústia como possibilidade de subjetividade segundo Kierkegaard**. 2016. 231f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2016.

BEAUFRET, J. **Introdução às filosofias da existência: de Kierkegaard a Heidegger**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Duas Cidades, 1976. 146 p.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2013. 2206 p.

CAES, V. O indivíduo segundo a caracterização kierkegaardiana em contraposição ao indivíduo hegeliano. **Tabulae**, Curitiba, v. 6, n. 11, p. 89-101, jul-dez. 2011.

FARAGO, F. **Compreender Kierkegaard**. Tradução de Ephraim F. Alvez. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 261 p. (Coleção Compreender)

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: Editora pedagógica e universitária, 1989. 315 p.

JOLIVET, R. **As doutrinas existencialistas**. Tradução de António de Queirós Vasconcelos e Lencastre. 4. ed. Porto: Tavares Martins, 1975. 431 p. (Coleção Filosofia e Religião) v.8

KIERKEGAARD, S. **O conceito de Angústia**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 223 p. (Coleção Vozes de Bolso)

LE BLANC, C. **Kierkegaard**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. 142 p. (Coleção Figuras do saber)

LUZ, L. D. da. **Viver livremente é existir sem angústia: um estudo da angústia a partir da filosofia de Sören Kierkegaard**. 2009. 74f. Monografia (Graduação em filosofia) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2009.

NUNES, B. **Filosofia Contemporânea**. 4. ed. Belém: ed.ufpa, 2019. 252 p.

OLSON, R. G. **Introdução ao existencialismo**. Tradução de Djalma Forjaz Neto. São Paulo: Brasiliense, 1970. 251 p.

PENHA, J. da. **O que é existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001. 87 p. (Coleção primeiros passos)

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia: do romantismo ao empiriocriticismo**.

Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005. 382 p. 5 v. (Coleção História da filosofia)

REYNOLDS, J. **Existencialismo**. Tradução de Caesar Souza. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 286 p. (Coleção Pensamento Moderno)

RIBEIRO JUNIOR, J. **Introdução ao existencialismo**. Campinas: Edicamp, 2003. 113 p.

SOLÉ, J. **Kierkegaard: o primeiro existencialista**. Tradução de Filipa Velosa. São Paulo: Salvat, 2017. 141 p.

STEWART, J. **Soren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade**. Tradução de Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017. 291 p.